

PERDÃO, AMOR E CARIDADE

Organ do Grupo Spiritista ESPERANÇA E FÉ da Franca---E. de S. Paulo

Estudai, praticai e assim ois habilitado para julgar do Spiritismo.

PUBLICAÇÃO MENSAL

O Spiritismo é a fonte donde sai a agua pura, porque esta fonte é o Christo.

DIRECTOR:—JOÃO MANOEL MALHEIRO

NUMERO 64

FRANCA, 1.º DE JANEIRO DE 1902

ANNO VI

EXPEDIENTE

Assignatura anno	2:000
Aos que quizerem fazer propaganda por cada edição de 100 numeros:	
anno	50:000
Idem de 50 numeros	80:000
Idem « 20 «	20:000
Idem « 10 «	12:000
Idem « 5 «	8:000

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do Perdão, Amor e Caridade—João Manoel Malheiro.

O QUE É SER SPIRITA

Nada ha neste mundo nem mais sério, nem mais difficil do que ser-se spirita!

Para merecer-se realmente este nome quanta força de vontade, quanta energia, quanta abnegação, quantas virtudes é necessario possuir-se!...

Não basta que um individuo tenha conhecimento daquella sublimada sciencia, que a adopte, que a julgue pura e verdadeira, que a ella dedique os seus pensamentos, que a cultive mesmo para se declarar spirita.

Não, não basta. Para que tal nome se possa usar é mister conquistar-o por meio de luctas extraordinarias, de luctas terribes, no começo das quaes muito espirito forte tem sossobrado.

E porque? Porque as luctas de que se trata não são as que encontra communmente o homem na escabrosa estrada da vida, e que, com maior ou menor difficuldade, consegue sahír dellas vencedor; são luctas de outra especie e que para esmagal-as é necessario desusado valor, inquebrantavel força de vontade, heroica resignação!

As luctas da vida cu pela vida representam apenas a necessidade da manutenção da carne, dos praseras materiaes, da progressão do corpo; enquanto que as que estabelece, que apresenta o spiritismo representam o esphacelamento da carne e a progressão do espirito.

N'aquellas todos os sentimentos, bons e maus, acham-se em jogo; nestas, só os bons tem applicação.

Ser spirita é não ser vaidoso, é não ser egoista, é não ter orgulho, é não ser falso, é não ter ambição, é ver em cada homem um seu irmão; é ser bom, justo, caridoso, verdadeiro.

Eis o que é ser spirita!

E como difficil é sel o!... De quanta abnegação necessita o homem para arrancar de si todos aquelles perniciosos sentimentos?!

De muita, de muitissima... ou de nenhuma: basta apenas que faça um estudo profundo da sciencia spirita; que se compenetre bem da verdade nella contida; que se convença de que realmente a nossa felicidade não está no

mundo e todos os maus sentimentos desaparecerão para dar entrada unicamente aos bons. Eis o que é ser spirita.

(Do Mensageiro.)

SESSÃO de Estudos dos Evangelhos

DO GRUPO ISMAEL

de 9 de Janeiro de 1902

Ev. de S. Math. XXVI—69—75—S. Marc. XIV—66—72—S. Luc. XXII—56—62

A NEGAÇÃO DE PEDRO

Depois das preces do começo, foi recebida a communicação inicial que se segue: « Bem hajam aquelles que superando todas as contrariedades da existencia da terra, se agrupam em Nome do Senhor para estudarem a sua Boa Nova de Paz e Salvação. Que os esforços que fazem sejam coroados do melhor resultado, taes são os votos que faz de todo o seu espirito—Marcos.»

Submettido ao estudo esses trechos evangelicos, o irmão incumbido de disertar confiou-se perplexo em dar a explicação do facto da negação, attribuida a S. Pedro; porque fóra Pedro inquestionavelmente o Discipulo mais adeantado, a quem Jesus escolheu para o Primaz de sua Igreja; o Discipulo mais dedicado ao seu Divino Mestre, considerado como o symbolo da fé e portanto todos nos achamos convencidos que elle não recuaria diante de nenhum sacrificio para mostrar o seu intenso amor a Jesus.

Mas se o facto da negação deu-se indubitavelmente porque se deu e como explical-o? Parece que essa negação foi devida ao proposito de Pedro não querer que o seu testemunho servisse de pretexto para perseguição do seu Divino Mestre e Senhor. De outra sorte, si Pedro era susceptivel d'essa fraqueza, o que se pode esperar de nós? Concluido o estudo, o medium Frederico disse:

Vejo presentes os nossos guias. O Bom Ismael preside o nosso trabalho.

O Mestre, Bittencourt, Bezerra, Siqueira Dias, muitos Espiritos protectores e soffredores estão commoço. Diz Bittencourt: Sobre a lição de hoje pouco temos que dizer, devido ao muito que se tem dito. Essa passagem da negação de Pedro segundo vemos no Evangelho é nma advertencia á todos aquelles que esposam uma causa santa e se declaram como havia feito Pedro, capazes de em qualquer terreno defendel-a. Quando o Divino Mestre apercebendo-se da hora do seu martyrio, tangia a alma, os corações dos seus discipulos de uma saudade prematura, Pedro declarava que por Elle daria o seu sangue, a sua propria vida e certamente era verdadeiro o seu

sentimento, era o dictame sincero da sua vontade, que assim o fazia fallar. Mas como bem disseram os Evangelistas na revelação feita a Roustang, Pedro confiára demais nas suas forças para tão grande empreza. Não foi o terror de se confundir com o Nazareno, o seu Mestre á face do tribunal, havia um outro sentimento que passava em sua alma suavemente convencendo-o de que era mister que elle acompanhasse o Martyr do Golgotha até o final do seu martyrio para com os seus companheiros de apostolado, beber no seu derradeiro olhar a luz necessaria para a claridade desse caminho assombroso que elles iam trilhar; elle tinha necessidade de ouvir até a ultima instancia do seu martyrio as palavras do seu Pastor Bemdito, palavras que serviam certamente de alento de conforto para a jornada da propaganda. Mas com o que Pedro como homem não podia contar, e foi previsto por N. S. Christo, a tentação da mentira—já lhe tinha sido advertida no horto das Oliveiras. Esse somno pezado de que elles foram dominados, Pedro e os seus companheiros já era o preparo do espirito das trevas para que o Chefe da Igreja de N. S. J. Christo fosse o primeiro a mentir, a negar a communhão que fizera com o seu Divino Mestre na meza do banquete da Paschoa. Eis porque o Senhor mais de uma vez os accordou e os advertiu que era preciso velar, era preciso ter o espirito constantemente em oração para arredar de junto de si esse segredo funesto que os espiritos percebem, mas que os homens não podem prescurtar segredos que fallam tão intimamente que parecem o resultado da vontade posta em acção pelo proprio homem.

O facto, como eu vos disse, meus amigos, ao começar, foi uma advertencia feita á todos aquelles que se empenham nas crusadas do bem e da verdade, ensinadas por Jesus. Não confieis em vós mesmos, tende sempre o vosso espirito predisposto a oração afim de que os vossos sentimentos, os mais dedicados, como eram os de Pedro, não sejam aproveitados para um resultado iniquo como é o da mentira.

Como bem disse Sayão, ao começar, si Pedro era susceptivel dessas fraquezas, sendo dentre os Discipulos o mais preparado pela grandesa de sua fé, a chefiar a Igreja de N. S. J. Christo, o que acontecerá aquelles que pallidamente ainda conhecem esses sentimentos que fazem o verdadeiro crente o verdadeiro discipulo de Jesus? Acautelae-vos pois, tende os ouvidos attentos para sentir o suave pizar daquelles que se aproximam dos vossos ouvidos para segredar conselhos que desmentem a vossa fé e a vossa crença; tende ouvidos attentos para escutar a todo o momento a voz da vossa consciencia

que é a voz de vosso Anjo da Guarda, apontando constantemente os vossos desvarios, condemnando as vossas fraquezas mas ao mesmo tempo dando-vos os meios de rehabilitação moral, o ensinamento grandioso do vosso dever para com o vosso Creador, fazendo finalmente ás trevas do vosso espirito embora adornado pelas vossas imperfeições, descer a luz benefica das verdades que aqui estudaes nas paginas do Evangelho e as unicas que podem abrir de par em par as portas da vossa felicidade.

Bittencourt.

OS MUNDOS E SUAS HUMANIDADES

Pelustrando desasombrada os planos do infinito, desvendando, com os seus aperfeiçoados instrumentos de observação e com o auxilio de rigorosas experiencias feitas nos gabinetes, os segredos da constituição dessa myriada de pontos multicolores e fulgentes que, quaes preciosas perolas, rubis e diamantes, scintilam sobre o manto azul do firmamento, mundos gigantes, sóes esplendidos em torno dos quaes gravitam infindos e variadissimos systemas de planetas e satelites; reconhecendo a diversidade das condições de habitabilidade desses diferentes mundos, condições que variam em uma escala, cujos extremos a nossa imaginação ainda não pode compreender; a sciencia moderna, essa victima das calumnias da ignorancia infatuada, abriu novos horizontes ao estudo da philosophia natural, alargando os ultimos limites que circunscreviam as nossas ideias acanhadas sobre a grandeza e magnificencia da criação; modificou completamente as concepções moraes e religiosas do homem do presente, fazendo-lhe ver nesses mundos a sede do desenvolvimento de outras tantas humanidades, as diversas moradas da casa do Pai celestial, segundo a linguagem imaginada do sublime philosopho de Nazareth.

Estudando as constituições mais ou menos fluidicas, menos ou mais materiaes e grosseiras d'esses mundos, com os quaes devem estar em relação estreita os meios de vida e os corpos dos seres que os habitam; reflectindo no desenvolvimento intellectual e moral desses seres, que deve ser tanto maior, quanto for menor o constrangimento exercido por esse envolucro material, que lhe serve de instrumento de progresso; nossa razão fica atordoada e não pode formar uma ideia, sequer approximada, do grau de atrezo de uns, e do grau de uma elevação a que outros já têm atingido.

Sem deixarmos os limites do nosso systema planetario, devendo o corpo do homem estar em relação com a densidade e

groszeria da materia constitutiva do planeta; que variedade já se nos manifesta nos graus de adiantamento dessas humanidades?

Que piedominio de sentimentos de animalidade e de paixões, brutaes no homem de Mercurio! Que elevação, que delicadeza de sentimentalidade, que esplendido progresso intellectual e moral no habitante de Júpiter!

Que novos gosos variadissimos lhe virão das impressões, que nelle produzem as vibrações do ether que nos passam desapercibidas, por não dispormos de orgãos para apreciar-as!

Mas, porque seremos nós confinados no mundiculo atrezado, chamado Terra? porque foi o homem de Mercurio lançado em uma morada de tanta dor e soffrimentos, ao passo que a outros coube ir viver em mundos felizes, nesses verdadeiros edens onde o seu progresso se pode fazer facil e rapidamente?

Não irá essa desigualdade de condições em que vivem seus filhos, todos creaturas suas, todos com igual direito ao seu amor, ferir a ideia de justiça infinita, attributo impredicavel da força omnisciente e omnipotente que creou e dirige os destinos do universo?

A tão formidavel interrogação só ha uma resposta racional, satisfatoria e consoladora: é a da reencarnação, ensinada pelo spiritismo.

Os mundos disseminados na immensidade são escolas e penitenciarias, onde viemos expiar as nossas faltas, estudar e progredir sob o constrangimento da materia, para merecermos a dita, que já alcançaram os que nos precederam na vida; para collocarmos nos nas condições de poder penetrar no seio de outras humanidades mais adiantadas que a nossa, onde iriamos lançar hoje a desordem, se para lá fossesmos com as paixões e sentimentos ruins, que ainda nos obscurecem as visias d'alma e enchem de escolhos o nosso caminho.

Lutemos. De nós só depende o nosso futuro. Combatamos sem cessar nossas más inclinações; e quanto maior for o nosso esforço, maior será o auxilio que nos prestarão nossos irmãos invisiveis, para rompermos os laços que nos prendem aos mundos de provas e expiações, e apartarmos a essas plagas venturosas onde reinam a verdade, a justiça e o amor fraterno.

Semeemos o bom grão, espalhemos os ensinados do Christo pela palavra e sobretudo pelo exemplo, e ainda que não possamos ver, nesta nossa tão curta existencia terrena, o fructo dos nossos esforços, levamos para a outra vida a paz e a satisfação da nossa consciencia, e deixaremos aos nossos successores materiaes de lei, pedras escolhidas, para que elles levantem o templo em que, congregada em uma só familia, a humanidade hade ren-

der ao Pai o verdadeiro culto que lhe é devido, o culto unico que Jesus aconselha: o amor de todos por todos, e o amor de Deus sobre todas as cousas.

Dias da Cruz.

UM SPIRITA e o bispo de Goyaz D. Eduardo

Um nosso confrade, communicou-nos, que o bispo D. Eduardo não o aceitou para padrinho de christa de um filho de seu amigo, por dizer-se spirita; e não aproveitando a lição, o nosso confrade, logo após, que havia sido repellido pelo bispo, novamente se apresentou a pia baptismal com duas creanças de sua familia para serem baptisadas, sendo padrinho de ambas o nosso confrade. Por coincidência, lá estava o bispo na igreja, na occasião que se hia de solemnizar o acto do baptismo das duas creanças, quando inquiriu dos padrinhos das creanças e soube que havia de ser o nosso confrade. O bispo não admittiu que as creanças fossem baptisadas, tendo por padrinho um spirita! E não ficando satisfeito o bispo salientou, para dar melhor brilho ao seu acto, «que se algum padre admittisse em qualquer acto sacramental a um spirita, incorreria na pena de suspensão.»

Não podemos acreditar que um verdadeiro spirita accendia uma vela á Verdade e outra á Hypocresia.

O verdadeiro spirita sabe que tudo quanto se faz e pratica nesses cultos externos da igreja romana, tudo é falso, nada tem de verdadeiro por tudo estar fóra dos ensinios do Evangelho e na da aproveitar a ninguém, senão aos inimigos da Verdade, a esses escribas e fariseus, que ainda conservam o virus, com que sempre perseguiram o Messias de Deus, por Elle combater a sua ambição e o desagrado de suas vidas peccaminosas.

Vamos reproduzir uma communicação que publicamos, em nossa edição de 1 de Julho de 1900, assignada—Bezerra de Menezes.

COMMUNICAÇÃO

A todos os bons irmãos spiritas

Dai a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus.

Deixai os mortos enterrar de seus mortos.

Quom não é por mim é contra mim.

(PALAVRAS DO DIVINO MESTRE.)

Já era tempo que se vos rasgasse de uma vez o véo do antigo templo e que da placenta a que se achavam garrados supersticiosamente os irmãos spiritas se destacasse o feto.

Desde muito tempo (e eu o disse muitas vezes em meus escriptos) que a igreja romana deixou de ser a depositaria das verdades do Divino Mestre.

Antigos e mal comprehendidos preconceitos, e alem d'isto o receio de entrar n'uma lucta que poderia perturbar algumas consciencias timoratas, obstou a que o trigo fosse separado do joio e que se deixasse a igreja com suas doutrinas, seguindo cada um aquellas que o Divino Mestre lhe ensinou.

Estas preconceitos ainda nos levaram a accitar o auxilio da igreja romana, e a maior parte dos spiritas, mesmo os mais convictos, frequentavam por conveniencias sociaes as suas praticas.

Providencialmente, quiz o Se-

nhor que a propria igreja, do alto do throno da sua ignorancia, viesse, ella propria, afastar com o pé esses elementos que considerava heterogeneos ou contrarios, e a lucta está travada.—Ou ser spirita, ficar fóra da caridade e dentro da igreja e portanto, não ser coisa alguma, ou ser spirita e dentro da caridade ficar fóra da igreja sendo espirita.

Não mais o spirita poderá contar com os suffragios pagos e encomendados da igreja, tem de escolher entre a prece de seus irmãos em crenças e as rezas dos que se consideram pertencentes a uma raça estranha a humanidade.

Eis o dilemma. Devo ao Senhor mais esta graça, porque é em torno da minha humilde individualidade que esta lucta tem principio e da qual deve sair o atrito que dará a luz.

Ficará a igreja cuidando dos seus mortos e os da vida viva, como bem disse o bom Vieira, *cuidarão dos seus vivos.*

Depois dei com toda a sinceridade de vossas consciencias: Que ireis vós buscar ás igrejas? Adorar e prostrar-vos diante das imagens que ella para si fez, e sem as quaes cessariam todos os seus proventos? Mas, vós não precisais para o cumprimento de vossas missões e dos vossos deveres de christãos spiritas, curvar-vos perante o material queorna estes templos, quando vós sabeis que onde estais dois ou tres em nome do Senhor, elle se acha ali, não em imagem mal simulada, mas em espirito, e portanto, ali está a verdadeira igreja.

Se recorreis aos serviços dos sacerdotes que representam hoje essa aggremação para baptisar vossos filhos, esquecia-vos, talvez, que o baptismo da agua não é o baptismo dos padres, e a virtude não sae das pias, nem da agua que para todos os misteres nos serve; mas, da agua da vida, isto é, da crença que dá a fé, da certeza que dá a esperança, da pureza que dá a caridade.

Sois vós, pois, quem assim baptisareis vossos filhos, se estais com a verdade: pois, ella só poderá sahir de vós, para dar a virtude do baptismo e não d'aquelles que a não procuraram, ou a não querem receber.

Se do mesmo modo, recorreis ao auxilio do padre para unir em um matrimonio vossos filhos, feis pedir ao padre a sanctão que o Senhor já lhes tem dado, se elles se amam, porque pelo Senhor já estão reunidos, e o padre nada pode nem tem aqui cousa alguma a fazer só das leis que vos governam podereis esperar a sanctão que vos garanta o futuro da companheira e da próle; o resto porem, está feito; nem o padre, nem a propria lei, poderão unir aquillo que está desunido, nem desunir tão pouco, o que Deus uniu.

Em summa: a lucta está aberta e não fostes vós que a procurastes; entretanto, chegou o tempo de vos definirdes, de que o trigo seja separado do joio e que seja dado á igreja o que é da igreja. Já sabeis que não tereis mais baptisados, nem casamentos, nem missas, estais fóra da igreja, porque sois contra a igreja; se a quereis seguir, retrocedei do caminho: acompanhai-a.

Sereis fracos, mas ao menos sereis sinceros. O spiritismo perde um trabalhador, mas o seu trabalho é prejudicial e a igreja tambem nada aproveitará com elle. Se sois porem, spiritas, se tendes um templo em vossa casa, uma igreja em vossos corações, um conselheiro na doutrina do Senhor, um confessor em vos-

so aujo da guarda, então declaral-o alto e claro, para que todos o saibam; sereis repudiados e talvez escarnecidos pelo côro dos materialistas que vos combata e a igreja e pelos da igreja que se unem a elles para vos combaterem e vós, porque vos temem mais a vós do que a elles.

Precisais, pois, revestir-vos hoje de muita fé e muita paciencia; porque mais pesada será a vosse tarefa e mais vivaa lucta. Entretanto, entre a que é de Christo e a que é do papa, a escolha não será difficil.

Peço-vos, pois, muita fé, muita humildade. Oraí e oraí muito; que cada um de vós tome desde já a sua cruz e caminho; o cyri-neu será o seu anjo da guarda e o Calvario será o seio do Senhor, perto d'aquelle que morreu pela verdade, e pela qual vós sómente podereis chegar até Elle.

A todos os irmãos, pois, as minhas preces e a benção do Senhor.

BEZERRA DE MENEZES.

A communicação acima publicada desperta os deveres do spirita a desprender-se dos preconceitos e seguir o trilho santo do Evangelho que a Nova Revelação nos ensina.

O verdadeiro spirita deve estar convicto, que os actos praticados pela igreja romana, nenhum foi ensinado por N. S. Jesus Christo e exemplificados pelos apóstolos, sendo portanto, criação dos homens, e como taes, estão fóra da verdade.

Scientes da verdade, devem estar todos os verdadeiros spiritas, e se algum houver, que va procurar a igreja romana em condescender nas suas formulas materiaes, empregadas no culto extremo, levando o preço pecuniarío exigido pelos seus regulamentos, quer mesmo, que seus passos sejam dados em mera satisfção a terceiro, não se pode dizer verdadeiro spirita, porque este, não vestirá por circumstancia alguma, as vestes do hypocrita.

Devemos, d'ora em diante obrarmos só dentro da esphera das nossas convicções, que deve ser a verdade—e seja porque principio for, jamais devemos transigir com as inverdades e nullidades sementadas e cultivadas no campo do erro, que não é o nosso.

Nenhum spirita deve ignorar, que nada se faz dentro da igreja romana sem ser pela moeda, e todo o seu ritual se transforma em formula de mercaderia, ficando tudo que ella obra no prototipo dos ensinios evangelicos, que nos ensinam que só devemos adorar ao Pae em espirito e verdade e que deixemos os mortos enterrar os seus mortos.

Em Math. VI, v. 5 a 7, disse Jesus:

«E quando oraes, não haveis de ser como os hypocritas, que gostam de orar em pé nas synagogas e nos cantos da rua, para serem vistos dos homens; em verdade vos digo, que elles já receberam a sua recompensa.

Mas tu quando oraes, entra noteu aposento, e fechada a porta ora a teu Pae que vê o que se passa em secreto, te dará o pago.

E quando oraes não faleis muito como os gentios; pois cuidam que pelo muito fallar são ouvidos.»

Se estamos fóra da igreja por não commungarmos com os seus erros, não a procuremos e rompamos com todas as considerações, e só os nossos passos sejam pautados pelo que cremos e ensinamos.

Paaa completar este artigo, va-

mos buscar ao divino livro—Jesus perante a Christandade—que o dictou o espirito de Bittencourt Sampaio, no Grupo Sayão, o que diz sobre o Baptismo. «Voz DO QUE CLAMA NO DESERTO, procura as margens do immenso Jordão e convida o povo a vir receber as aguas do baptismo, isto é, a commungar com elle o Deus que elle annunciava.

«Apresentando uma formula para substituir, desde logo, uma outra, que não tinha mais razão de ser, como fosse a circumcissão, o signal da alliança de Deus com as suas creaturas, porquanto, aproveitada como signal de conversão, dos espiritos ás leis de Jehovah, era, entretanto, naquella zona, uma necessidade de hygienica, pela natureza do clima ardente, que então reinava, João a substitua pelo baptismo, derramando agua sobre a cabeça dos homens.

«Os que ouviam as suas palavras, os que sentiam as verdades que elle proferia, os que se arrepiavam, aceitando a sua doutrina, isto é, a doutrina de Jesus, esses elle baptisava: e assim cada um tinha a responsabilidade do seu acto, sentindo e raciocinando, estava apto para aceitar ou rejeitar a doutrina que se lhe pregava; e, visto que o seu livre arbitrio era respeitado, podia perfeitamente agir e resolver, por vontade propria. Este é, christãos em Christo, o verdadeiro baptismo.

E será o baptismo de hoje, o que se offerece a toda a Christandade, o baptismo de João?

Não, certamente. Não é o baptismo a que se prestou N. S. J. Christo, apresentando-se ao grande propheta, para em communhão com os arrepiados, obedecer á vontade de seu Pae, á vontade de seu Creador.

Pois que?! Tomais de uma crença que não pensa, tomais de um pequenino que não raciocina, e o baptisae, e o mandais, em pleno seculo dezenove, que outrem venha resolver da vontade, da religião que deva adoptar esse ou aquelle dos vossos irmãos?

E acreditaes que realmente, por uma simples formalidade toda exterior, tendes feito hoje um christão em Christo, para amanhã o julgardes um apostata?

Recolheis, porventura, essa crença ao vosso seio; transfundis no seu espirito os sentimentos religiosos?

Acompanhai, acaso, os seus passos, guiando-a como um peregrino, para a luz e para a verdade; nunca mais a deixais longe dos vossos exemplos, que devem ser os de N. S. Jesus Christo e seus apóstolos?

Onde e quando, assim o praticais—é isso o que, no correr do presente trabalho, procuraremos conhecer, não com o intuito de chamarmos a ira dos fieis contra vós, antes pedirmos lhes a compaixão, e a piedade, por isso que, vos constituindo representantes de Nosso Senhor Jesus Christo sobre a terra, salvo a excepção feita por illustres varões que souberam honrar seu ministerio, não fazeis obras de Jesus Christo, nem procurais seguir o trilho luminoso dos Apóstolos, quando iam em nome do seu Divino Mestre, de tribú em tribú, de cidade em cidade, levar a palavra do amor, da caridade e da salvação.

Si a crença e a fé reclamam a liberdade, a razão e a vontade; liberdade para a acção, intelligencia para o raciocinio, consciencia para a vontade, nós não comprehendemos como possamos tomar de um pequenino ser, sem liberdade, sem razão e sem vontade e impôr-lhe preceitos reli-

giosos e inculcar-lhe a Doutrina Santa de N. S. Jesus Christo.

Quando puderdes mostrar-me no texto biblico alguma cousa que vos auctorise a esse procedimento, eu me juicarei em erro e o confessarei publicamente.

Para não fatigar a vossa intelligencia, na investigação da verdade, basta consultarmos o Cap. 28, v. 19 de S. Matheus, pois ahi encontraremos Jesus, mandando que seus discipulos pregassem a sua doutrina, por todas as gentes, por todos os povos baptisando-os em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.

Notae bem que a predica antecede o baptismo.

Vê-se pois, que esse ensinamento, por esse mandato que o baptismo nada mais é do que um symbolo, para confirmação das crenças que o individuo tenha esposado, em sua alma, perante seu Creador e Pae. Mas, pregar uma doutrina áquelle que se acha ainda envolvido nas fuchas da infancia, ao espirito turbado pelo pavor da morte, porque a vida da terra é a morte do espirito, poderá ser a satisfção das formulas exteriores do baptismo, mas nunca o ideal, mas nunca o espirito, nunca a moral que elle exprime no ensinamento evangelico.

Sei que a intolerancia de Roma hade um dia lançar o anathema sobre este modesto trabalho. Mas que importam os anathemas, que importam as excommunhões, quando o meu espirito sente necessidade de repartir, com seus irmãos, o pouco que aprendeu no espaço, dando assim satisfção aos compromissos tomados perante N. S. Jesus Christo, em anteriores existencias.

Ou bem spiritas, ou bem catholicos romanos.

A CONQUISTA DO AR

PREDIÇÃO REALISADA

Agora, que é uma realidade a conquista do ar pelo nosso intrepido compatriota Santos Dumont, julgamos de toda a oportunidade reproduzir a seguinte communicação que, em 1883, nos foi enviada, e que inserimos em nossa edição de 1 de agosto d'esse anno, isto é, sete annos depois de haver sido ella recebida pelo prestimoso confrade que serviu de medium, e que ainda hoje vive, podendo assim verificar a sua feliz transformação em facto.

E' a seguinte, tal qual então a publicamos:

«Manifestação espontanea do Espirito de Estevam Montgolfier recebida em Silveira, por Ernesto Castro, em 30 de julho de 1876:

Vencer o espaço com a velocidade de uma bala de artilheria, em um motor que sirva para conduzir o homem, eis o grande problema que será resolvido dentro de pouco tempo.

Essa machina poderosa de conducção não ha de ser utopia, não. O missionario que traz esse aperfeiçoamento á terra já se acha entre vós.

O progresso da viação aerea, que tantos proselytos tem achado e tantas victimas ha feito, não está, portanto, longe de realizar-se.

O aperfeiçoamento de qualquer sciencia depende do tempo e do estado da humanidade para receber-o.

A locomotiva, esse gigante que avassalla os desertos e vence as distancias, será um insignificante invento ante o passaro colossal, que, qual condor dos Andes, percorrerá o espaço, conduzindo

em suas soberbas azas os homens de varios continentes.

Os balões, meros exploradores e precusores da admiravel invenção, nada, pois, serão perante o bello e portentoso passaro mecanico.

Esse Deus de bondade e de misericordia, que nada concede antes da hora marcada, deixa primeiramente que seus filhos trabalhem em procura da sabedoria e depois que elles se têm esforcado em descobrir a verdade, ahi então lhes envia um raio de sua divina luz.

Já vêm, ó mortaes, que a navegação aerea não será um sonho, não, mas sim uma brilhante realidade.

O tempo, que vem proximo, vos dará o conhecimento d'esse estupendo motor.

Brazil, tu que foste o berço d'essa grande descoberta, serás em breve o paiz escolhido para demonstrar a força d'essa grandiosa machina aerea.

Eis o prognostico que vos dou, oh brasileiros.—ESTEVAM MONTGOLFIER. (Do Reformador.)

A todos os nossos irmãos em Jesus Christo

(Continuação)

Não commetterás homicidio; não adulterarás; não commetterás furto; não dirás falso testemunho; honra a teu pae e a tua mãe, e amarás a teu proximo como a ti mesmo.

Ouvida a resposta do mancebo de que desde sua infancia tinha observado tudo isso, diz-lhe Jesus:—

«Se queres ser perfeito, vae, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um thesouro no céu; e depois vem e segue-me.»

Entenderam bem os meus irmãos? Jesus manda em primeiro lugar, para que obtenha esse mancebo a salvação, que elle cumpra a lei de Deus, os mandamentos, que ame o seu proximo mais do que a si mesmo, para depois então seguiu-o. Elle, o Mestre, não lhe diz que para obter a salvação creia primeiro que tudo nelle, mas sim que antes faça o bem, cumpra a lei de Deus, para que possa então reconhecer o como seu discipulo. Logo a unica condição para obter-se o reino dos céus é o cumprimento fiel da lei eterna e divina de amor e caridade, que Jesus constantemente esforça-se para gravar no coração dos seus apóstolos.

Quantos ha que, sem o saber, são discipulos do Christo, porque fazem as suas obras, praticam os seus ensinios, ao passo que outros, que se confessam a todo momento crentes nelle, não o são pelos seus actos oppostos á sua moral sagrada, pois que pelo fructo é que a arvore se conhece.

Continuemos, porém, no nosso trabalho de investigação e leiamos o seguinte:

«Mas este homem querendo justificar-se a si mesmo disse a Jesus: E quem é o meu proximo? E Jesus proseguindo no mesmo discurso, disse: Um homem baixava de Jerusalém a Jericó, e cahiu nas mãos dos ladrões, que logo o despojaram do que levava; e depois de o terem maltratado com muitas feridas, se retiraram deixando-o meio morto. Aconteceu, pois, que passava pelo mesmo caminho um sacerdote e, quando o viu, passou de largo. E assim mesmo um levita, chegando perto daquelle lugar e vendo-o passou tambem de largo. Mas um samaritano que ia seu caminho, chegou perto d'elle, e quando o viu, se moveu á compaixão. E chegando-se

lhe atou as feridas, lançando nelle azeite e vinho, e pondo-o sobre a sua cavalgada, o levou a uma estalagem e teve cuidado d'elle. E ao outro dia tirou dous denarios e deu-os ao estalajadeiro e lhe disse: Toma cuidado d'elle e quanto gastares de mais eu t'o satisfarei quando voltar. Qual destes tres te parece que foi o proximo d'aquelle que cahiu nas mãos dos ladrões? Respondeu logo o doutor: Aquelle que usou com o tal de misericordia. Então lhe disse Jesus: Pois vae e faz tu o mesmo.»

Por esta instructiva e sabia parábola de Jesus bem se comprehende que elle procura por todos os meios incutir nos corações que o unico caminho que conduz a Deus é o bem, o amor do proximo, a caridade. E para que bem accentuada ficasse esta eterna verdade, elle faz passar indifferente ás dores alheias o sacerdote, o levita, os que se diziam ministros de Deus, seguidores da lei, e faz o heretico, o excommungado, como era considerado naquella época o samaritano, mover-se á compaixão e, compassivamente, tratar o seu irmão ferido, e desamparado por aquelles mesmos que tinham a obrigação moral de o acolher, e diz ao doutor que vá e faça o que fez o samaritano. Sublime parábola que nos mostra a justiça indefectivel de Deus, que recompensa a cada um segundo as suas obras, sem fazer distincção entre os que crêm de uma fôrma, e os que crêm d'outra, sem attender as prerogativas que não sejam sancionadas pelo culto verdadeiro do bem, pela pureza do coração.

(Continúa.)

CONFERENCIA

realisada em 28 de Abril de 1901 nos salões do «Club Coritibano», por Domingos Duarte Velloso

DO SPIRITISMO

(Continuação)

Não vae muito tempo, Monsenhor Vicente Lustoza, um dos membros mais illustres do clero brasileiro, expoz a publico uma obra intitulada—O Espiritismo em julgamento. Desejaria muito que todos a lessem, afim de avaliarem a opinião de tão illustre ecclesiastico.

Ouçamos o que elle diz: «Entre os povos civilizados, até a metade do seculo XVIII, diz o Dr. Joseph Lapponi, professo de anthropologia na Academia das conferencias historico-juridicas, na sua obra o Hypnotismo e o Espiritismo, ninguem ousou mais contestar a possibilidade das relações entre os homens e os espiritos.

«Mas, continúa Monsenhor Lustoza, o sopro da incredulidade, que desde a metade do seculo XVIII tudo procura devastar no mundo, tem atirado para o muzeu das fabyulas o que sobre este assumpto nos tem sido transmittido pelas gerações passadas. A sciencia julgava ter pronunciado a ultima palavra a este respeito salientando a analogia que observa entre alguns phenomenos espiritas e outros phenomenos pathologicos, e o Espiritismo parecia condemnado para sempre ao esquecimento.

Entretanto, acontecimentos imprevistos vieram demonstrar quanto era inconsistente a incredulidade incondicionada dos modernos e quanto foram prematuras as conclusões em nome da sciencia, e deram nova vida ao Espiritismo.

Ora, como era possível suppor

que tudo o que se conta dos phenomenos espiritas, seja imposta vendo-os tão divulgados e acreditados por toda a parte e especialmente entre os povos mais cultos e civilizados do mundo; e alem disto em uma época de tanta incredulidade e scepticismo e não obstante todos os esforços feitos pelos materialistas e racionalistas do nosso seculo, que ahi reconhecem uma relutação das theorias?

Se fossem realmente uma ficção, ter-se hia com tempo descoberto o engano; mas serem chamados por muitos impostura e propagarem-se, não obstante, como verdades, isto excede toda probabilidade, pois que o genero humano não se deixa por muito tempo, e tão universalmente illudir, especialmente sobre factos que todos podem presenciar.»

Depois de discorrer mais ainda sobre a veracidade do Espiritismo e de o ter apresentado como uma revelação, diz ainda Monsenhor Lustoza: «Que os Espiritos têm commoço continuas e estreitas relações: e que não ha assumpto de que mais fale a Sagrada Escripura que a existencia dos Espiritos, bons e maos, e da sua benefica ou malefica influencia sobre os homens e as cousas.»

(Continúa.)

Relação dos assignantes

de quem recebemos a importancia de suas assignaturas do «Perdão, Amor e Caridade» a terminar em 31 de Agosto de 1902.

(Continuação)

Antonio J. de Souza Barbosa 2\$000, Indayassú, E. do Rio; Henrique da Silva Tavares 2\$, Florianopolis, E. Santa Catharina; Sebastião Guimarães 2\$, Jequery, E. de Minas; Arlindo V. Goulart 2\$000, Itajubá, E. de Minas; Henrique Molinary 2\$, Piracicaba, E. de S. Paulo; Orpheu Alvarenga 2\$000, Muzambinho, E. Minas; Francisco L. Martins Sobrinho 5\$000, Macuco, E. de Rio; C. Th. Georg. Fenker 2\$000, Rio Claro, E. S. Paulo; Epiphany Pedrosa 2\$, Rio, E. de Rio; Francisco F. de Lacerda Bacellar 2\$, Rio Bonito, E. Rio; Antonio C. d'Oliveira Mello 2\$000, Barra Piauhy, E. Rio; Antonio E. de Mattos 2\$000, E. Rio; José Jacintho S. Fialho 2\$000, B. Pirahy, E. Rio; Alvaro Alberto de Araujo 2\$000, B. Piauhy; Cypriano J. Barbosa 2\$, B. Piauhy; Arelia-no J. Freire 2\$000, B. Piauhy; Grupo Spiritu Bezerra de Menezes 4\$000, B. Piauhy; Ernesto N. da Costa 2\$000, B. Piauhy; Candido Zacarias 2\$000, B. Piauhy; Diniz M. Lopes 2\$000, B. Piauhy; Manoel M. Lopes 2\$000, Vassouras, E. Rio; Eduardo Valloy 2\$500, E. da Gloria, E. de Minas; Manoel Joaquim de Macedo 2\$500, E. Souza Aguiar, E. Minas; José J. da Silva 2\$000, S. José do Ribeirão, E. do Rio; Luiz de Souza Lisboa 2\$000, S. José do Ribeirão; Padre João Climaco Valladares 2\$000, S. J. do Ribeirão; Francisco P. da Silva 2\$, Ararapira, E. do Rio; Francisco Bretas 5\$000, C. Rio Verde, E. Minas; Honorio F. dos Santos 2\$000, Pouso Alegre, E. Minas; Manoel Silveira Madruga 5\$000, S. Fidelis, E. Rio; Manoel da Silva Santos Chagas 5\$, S. Fidelis; Indio Brasileiro 2\$, Cambucy, E. Rio; Antonio P. da Silva 2\$000, S. Fidelis, E. Rio; Paulo Osias de Sillos 2\$, S. Sebastião do Paraíso, E. Minas; João Ribeiro S. Silva 2\$,

P. de Caldas, Minas; Daniel Ribeiro de Almeida 2\$000, S. Paulo; Antonio J. de Barros 2\$, Sapé, Minas; João Pompeu 2\$, Campinas, E. S. Paulo; Augusto Tarcente 2\$000, Campinas; Guilherme Leonardo 2\$, Campinas; Ricardo Petersen 2\$000, Campinas; Manoel Christiano Alves 2\$000, Campinas; Manoel J. da Fonseca 2\$000, Jundiaby, E. S. Paulo; D. Rita Duarte 2\$000, Pouso Alegre, E. Minas; Sebastião Brigagão 2\$, Socorro, E. S. Paulo; Centro Spiritu Fé, E. e Caridade ao Proximo 8\$000, Entre Rios, Rio; Francisco da Silva Gomes 2\$000, Entre Rios; Joaquim Valente 2\$000, Entre Pios; Henrique Baptista 2\$000, Entre Rios; Antonio João 2\$000, E. Rios; Luiz Coelho Ribeiro 2\$000, E. Rios; João H. da Silva 2\$000, E. Rios; José M. Monteiro 2\$000, E. Rios; Manoel T. da Silva 2\$, E. Rios; Manoel F. Lagoa 2\$, E. Rios; Manoel F. dos Santos 2\$000, E. Rios; Manoel P. Campos 2\$000, E. Rios; Gregorio Ramos 2\$000, E. Rios; Antenor Ferreira 2\$000, E. Rios; Antonio Julio Tavares, 2\$000, E. R. Antonio A. da Silva 2\$000, E. R.; Antonio F. Botelho 2\$000; E. Rios; Francisco Ribeiro 2\$, E. Rios; José Valente Larmim 2\$000; E. Rios; Manoel J. Miranda 4\$000, Rio Claro, E. S. Paulo; José A. B. Ferreira 2\$500, Dolores de Campo Formoso, Minas; Rufino José Alves 2\$500, Virissimo, Minas; Grupo Spiritu Amor Caridade e Fé 5\$000, Uberaba, Minas; José de Avila Pina 2\$000, Uberaba Minas; José Ribeiro Gonçalves 4\$000, Santos; Lourenço Gonçalves & Comp. 2\$000, Franca; Sebastião Placido das Chagas 2\$000, Mococa—S. Paulo; Tenente Francisco P. Barbosa, 2\$000, Mococa—S. Paulo; Bernardino José de Sousa, 2\$000, C. do Prata—Rio; Francisco Serafim Hugnenin, 2\$000, C. do Prata—Rio; João Cesar d'Andrade, 2\$000, B. M. Deus—Pernambuco; Leovigildo da Penna 2\$000, Alcobaça—Bahia; Francisco C. F. Junqueira, 5\$000, Campo Mystico—Minas; Felissimo V. Cordeiro, 2\$000, Avaré—S. Paulo; Antonio P. Andrade, 2\$000, Rio; Luiz de C. Mello, 5\$000, Faxina—S. Paulo; Agente do correio, 2\$000, Virginia—Minas; Alfredo X. da Motta, 2\$000, Virginia—Minas; Cap. Chrispim G. Pinto, 2\$000, Virginia—Minas; Graciano Ribeiro Oliveira, 2\$000, Virginia—Minas; João G. Fonseca, 2\$000, Virginia—Minas; João G. Ribeiro, 2\$000, Virginia—Minas; José B. Fonseca, 2\$000, Virginia—Minas; José B. de S. Pinto, 2\$000, Virginia—Minas; José R. A. da Costa 2\$000, Virginia—Minas; Affonso H. Magalhães 2\$000, Curitiba, —Paraná; Augusto C. Pinto 2\$000, Curitiba; João Furtado 2000, Campo Bello—Minas; D. Balbina Maria de Jesus 2\$000, Campo Bello; Sydnez Augusto Bicalho 2\$, Itabira do Campo—Minas; Francisco R. Carvalho 2\$000, Itabira do Campo; Rodrigo B. Sandoval 2\$000, Santa Cruz—Goyaz; Antonio A. Ferreira, 2\$000, Santa Cruz—Goyaz; Coronel Joaquim A. Guimarães, 2\$000, S. Cruz—Goyaz; Cypriano J. de Souza, 2\$000, S. Cruz—Goyaz; Manoel C. Nogueira 2\$000, Santa Cruz—Goyaz; Moyses G. Araujo 2\$000, Santa Cruz—Goyaz; Ezequiel Mathias 2\$, N. Friburgo—Rio; Jorge Schott 2\$, N. Friburgo—Rio; Francisco A. de Lemos 2\$000, N. Friburgo—Rio; Manoel Gil 2\$, N. Friburgo—Rio; Domingos Vieira Chaves 2\$000, N. Fribur-

go—Rio; Luiz S. Maia 2\$000, N. Friburgo—Rio; Manoel Monteiro 2\$000, N. Friburgo—Rio; João Pedro Schott 2\$000, N. Friburgo—Rio; Manoel Rocha 2\$000, N. Friburgo—Rio; Manoel C. B. Meirelles 2\$000; N. Friburgo—Rio; Joaquim S. Araujo 2\$000, N. Friburgo—Rio; Carlos A. Mathias 2\$, N. F.—R. Filipe C. Balaux, 2\$000, N. Friburgo—Rio; Luiz J. de Souza, 2\$000, N. Friburgo—Rio; José Bernardo, 2\$000, S. José do Ribeirão—Rio; Edmundo J. Ramalho, 2\$000, S. José do Ribeirão—Rio; Eduardo O. da Silva, 2\$000, S. José do Ribeirão—Rio; Marciano Lopes, 2\$000, Pirahy—Paraná; José L. Netto, 2\$000, Curitiba—Paraná; José Honorato da Cunha, 2\$000, Conquista—Minas; José Clemente da Cunha, 2\$000, Conquista—Minas; João Antonio Almeida, 2\$000, Conquista—Minas; Manoel A. Aguiar, 2\$, Conquista—Minas; Honorato Marcellino da Costa 2\$000; Itapira—Minas; Bento D. de Oliveira Paz 2\$, Itapira—Minas.

(Continúa.)

O "PERDÃO AMOR E CARIDADE"

Expozemos no n. 61 as circunstancias que nos demoveram a cobrarmos dos nossos assignantes a quantia de 2\$000 rs. a titulo de assignatura por anno.

Dissemos que ficariamos conhecendo os assignantes que nos pediram a inscripção de seus nomes como assignantes e se o recebiam com interesse.

Continuaremos a fazer a mesma distribuição que faziamos antes do appello que fizemos aos nossos assignantes, até o n. 63 e desse n. em diante só o enviaremos aos que tiverem entrado com a pequenina quantia de 2\$000 rs.

Os assignantes que não dezejarem que lhes seja suspenso o Perdão, queiram providenciarem a tempo.

Jesus para as creanças

E' este o 2.º livro que foi dictado pelo Espirito de Bittencourt Sampaio e no grupo Ismael—Rio de Janeiro.

Para conhecer-se o valor desta joia que desceu do Céu, só lendo-a.

Remetteremol-a pelo correio registrada, acompanhando o pedido com a importancia de

3.000

Os pedidos devem ser dirigidos ao Director do Perdão—João Manoel Mathieiros.

FRANCA

JESUS PERANTE A CHRISTANDADE

3

CAPITULO I

Maria, superando o seu doce enleio, responde:—Como se poderá dar esse facto, si eu não conheço varão.

—Crê, oh Virgem Santa! Aquelle que vai sahir do teu seio será chamado Filho de Deus.

—Faça-se na sua escrava a vontade do Senhor.

Estava feito o consorcio da terra com o Céu; tinha se estabelecido o pacto da redempção entre a creatura e o seu Deus.

Finalmente, as vozes dos prophetas iam se tornar uma realidade, e as dez tribús de Israel, reunidas por Jeroboão e perdidas pela idolatria, iam, de novo, reunirse na communhão de N. S. Jesus Christo, o Verbo de Deus na terra.

Mas, José, homem severo em seus costumes, encontrando a sua desposada com os signaes de uma preñez precoce, por isso que elle não a conhecera como mulher, recolhe-se ao seu Deus, e, cheio de maguas, lança um olhar de compaixão sobre a sua noiva e pensa, para não envergonhal-a, em fugir de seu lado, indo buscar, na ausencia do seu amor, os lenitivos da religião a seus pezares.

Mal feriu a mente do varão José este pensamento e o anjo do Senhor collocou-se junto ao seu lado, para dizer-lhe toda a verdade, em relação á Virgem Santissima.

José, espirito humilde, alma consagrada ao serviço do Senhor, aceita a paternidade apparente de N. S. Jesus Christo, considerando a Virgem Santa, para todo o sempre a esposa de Deus.

Estava Jesus na terra; estava o holocausto preparado, pelas mãos do Eterno, para receber o Cordeiro sem mácula que devia remir os homens do peccado.

Como Elle desenvolveu a sua doutrina, como foi comprehendido, amado e regeitado pelos homens, como lançou os fundamentos da Igreja Christã, hoje tão desvirtuada, como encheu as almas dos apóstolos, dos fogos da fé, da esperança e do amor e os mandou pregar, por toda a parte, a sua Boa-Nova, como virá de novo entre os homens receber delles o producto dos seus labores—é o que nós vamos tentar, pedindo á misericordia de Deus, a luz de N. S. Jesus Christo e a assistência dos seus apóstolos.

CAPITULO II

Servindo mais aos interesses de uma dynastia que se tornou celebre, pela oppressão exercida sobre um povo humilde e fraco, do que á vontade nacional hebraica, já manifestada por todos os seus departamentos, *Cesar Augusto*, o imperator romano, houve por bem de sua vontade dividir em tres principados o Reino da Judéa, sob o governo immediato dos descendentes de Herodes, chamado o Grande, celebre pela ferocidade de seus crimes perpetrados contra o Codigo Divino.

Principes da Judéa—*Archelaus, Felippe e Antipas* podiam ser perfeitamente os continuadores do seu antepassado, no massacre do povo Judeu, pois tinham para isso carta branca do Cesar que, abroquelado da força dos seus exercitos conquistadores, jámais consentira que o povo humilde alçasse o collo, pretendendo si quer o direito de ter uma religião.

A aurora da redempção já recamava das mais fulgurantes cores os horisontes da Palestina e ainda os despotas da terra, cégos pela vaidade e pela ambição, entrincheirados no seu orgulho, atiravam os ultimos dardos á imagem da liberdade corporificada no Filho de Maria, no filho do humilde carpinteiro—*Jesus Senhor Nosso*.

E, assim como os soldados retalharam no sopé da Cruz a tunica do Nazareno, disputando a sua maior porção, assim o Cesar, pretendendo ter nas suas mãos maior numero do subservientes, de escravos, mandou proceder a um grande recenseamento nos seus domínios, para conhecer do numero exacto do povo sobre o qual exercia o seu governo, a sua vontade.

Foi obedecendo a esse edicto que o varão José e a Virgem Santissima, como galileus que eram, procuraram a cidade de *Bethlém*, onde devia consumir-se o consorcio divino de Deus com as suas creaturas.

Mas, por isso mesmo que o povo era chamado em massa, ao recenseamento, e a cidade pequena, José e Maria não encontraram o conforto da estalagem nem da casa de amigos, para se recolherem; todos os logares estavam tomados e dous santos peregrinos tiveram de se abrigarem na palhoça de um simples estabulo, para fugirem das inclemencias da estação.

E assim o homem, julgando coagir um povo livre ao domínio de sua vontade, dava lugar a que se realizassem as prophcias, fazendo com que a Virgem Santissima buscasse em *Bethlém*, dar a luz, segundo o pensar daquelles povos, ao Deus menino—o *Consolador de Israel*.

Começa N. S. Jesus Christo, no seu proprio nascimento, dando ao mundo o mais extraordinario exemplo de humildade. Começa elle provocando um grande es-

candalo na Judéa, indo buscar para logar do seu apparecimento na terra, uma humilde palhoça, quando o povo judeu, tomando á letra e sempre á letra todas as instrucções dos prophetas, acreditava que o Messias prometido seria um dos maiores reis da terra, governando materialmente a Judéa, estabelendo um reinado tão grande, tão immenso que viesse absorver todos os reinos, todos os imperios.

E assim podia ser!

O Redemptor Divino podia ir buscar nos grandes palacios dourados, nas pompas e nas grandezas da terra o logar para o seu apparecimento; Elle tinha poder para isso; mas, cumpria que os povos recebessem o seu primeiro exemplo de humildade, logo por occasião de sua entrada no mundo; era mister mostrar á vaidade humana, como o grão de areia póde absorver uma montanha, como a gotta d'agua póde conter em si um oceano.

Distante da Virgem, procurando o mercado de *Bethlém* José ia fazer os seus viveres para si e para a sua companheira.

Inebriada, saturada dos fluidos divinos, a Virgem Immaculada encontra-se nesse extasis santo de que só podem gosar os espiritos puros; quando voltou a si do seu grande enleio, ouviu lá fóra nos campos, onde baliavam as ovelhinhas, canticos sonoros que se elevavam pelos espaços, dando gloria a Deus no mais alto dos céos, e paz aos homens na terra. Cheia de confusão e de respeito, deante do seu fructo imaginario, enconfron o seu menino Deus, entre os braços.

Trocam-se os primeiros sorrisos do céo com a terra, transfunde-se, na alma humana, o proprio Deus, na pessoa de N. S. Jesus Christo; e os pastores que faziam a vigilia da noite, entre si perguntavam—o que aconteceu em *Israel*?

—Que canticos são esses, pela calada da noite?

E, os espiritos santos, produzindo os fluidos sonoros e luminosos, diziam ás almas innocentes dos pastores—é nascido o *Rei da Judéa*, o *Christo Senhor Nosso*, ha tanto tempo esperado!

Sim; fluidos sonoros e luminosos eram os canticos produzidos pela milicia celestial; esse mesmo fluido formado pela vontade dos espiritos prepostos para a missão de N. S. Jesus Christo e que foi visto, como simulacro de uma grande estrella, conduzindo os *Magos*, ás terras de *Bethlém*.

Esse mesmo fluido immensamente luminoso, que produziu a columna de fogo no fraguado das estrangeiras terras, dando passagem aos captivos do *Egypto*, sobre as aguas do *Mar Vermelho*,—esse facto extraordinario que, no entender dos sabios, não passa de uma phantasia dos povos orientaes, visto que elles, até hoje, ainda não poderam conhecer as leis que presidiram a esse extraordinario phenomeno.

O *Mar Vermelho*, assim chamado pela presença de *algas* microscopicas, que a sciencia hoje conhece, sob o nome de *protococcus*, e que dão ás suas aguas a sua cor característica, apesar da contradição dos sabios, deu livre passagem ao povo judeu, guiado pelo grande legislador *Moysés*, em demanda das terras de *Chanaan*.

Vou demorar-me sobre este ponto biblico, porque desejo que os meus irmãos da terra comprehendam a grande carnificina, de que vou tratar dentro em pouco—*a degolação dos innocentes*.

Moysés, espirito illustrado, medium de todas as mediumnidades, assistido pela elite celestial, em virtude da alta missão que desempenhava sobre a terra, conhecia perfeitamente o fluxo e refluxo das aguas do *Mar Vermelho*.

Elle tentu u pela supplica, por mais de uma vez obter a liberdade dos seus patricios; pela evocação da peste, procurou apasiguar aquelles odios concentrados sobre a sua raça, sujeita á mais ingrata das servidões.

Não se commovendo o rei ás suas supplicas, não temendo a ira do Senhor que se manifestava por diversos phenomenos que a linguagem humana considerou pragas, *Moysés* pediu ao seu Senhor, ao Senhor dos seus patricios que ao menos consentisse que elle e o seu povo fossem, á distancia de tres dias, cumprir uma promessa que fizeram a Deus.

Approximando-se o que na terra chamamos *marés do equinoctio*, isto é, esse movimento do planeta, em virtude do qual se dá o fluxo e refluxo das aguas, o espirito do rei foi tocado, para que consentisse no cumprimento da promessa feita por *Moysés* e o povo hebreu, e então tomando da grande massojudia com seus rebanhos, seguiu elle o caminho de *Chanaan*, atravessando exactamente, na hora designada pelos espiritos superiores, a garganta onde se estabeleceu o grande refluxo das aguas.

Mas, nota-se bem: só muito tempo depois da partida de *Moysés* e do seu povo, o rei, avisado pelos seus ministros, sabindo, podemos dizer, desse torpôr produzido pelos espiritos superiores, mandou preparar as suas legiões para irem em perseguição dos judeus, exactamente quando se dava o fluxo das aguas, que lhes impediu a passagem, facto de que elles não podiam cogitar e que só era conhecido do medium, do propheta *Moysés*, pela intuição que recebera dos altos espiritos do Senhor.

Evitando atravessar diversos reinos onde a politica e a religião não eram as mesmas do povo hebreu, *Moysés* internou-se no deserto; chegando a uma grande explanada que borda as fraldas da montanha do *Sinai*, ordenou que levantassem as tendas e o esperassem,

enquanto elle ia fallar com o Senhor dos exercitos, com o Senhor Deus de *Israel*.

As privações porém, por que passou no deserto o povo libertado, levaram-n'o, mais de uma vez, a fundas queixas contra o seu libertador; mais de uma vez, levantaram-se os espiritos contra *Moysés*, pedindo que os guiasse de novo, á terra do captivo, porque isso lhes fora melhor, que morrerem pela fome, pela sede e pela voragem dos animaes.

Moysés subiu ao monte *Sinai* para entrar em communicação com *Melquisedech*, o rei de *Salem*, o mesmo que se communicara com *Abrahão*; isto é, com N. S. *Jesus Christo*, pois *Melquisedech* é apenas um nome de que serviu-se o nosso Divino Mestre, na apparição tangelical que fez a *Abrahão*, como a *Moysés*.

O povo, porém, impaciente esperava a volta do propheta; as predicas do seu libertador, os seus ensinamentos traduziam, na opinião delles, alguma cousa de verdade, mas, faltava-lhes o essencial, faltava-lhes a imagem do Deus, objecto da sua adoração. E, assim, nesse desespero de creanças, nessa febre de idolatria, obrigaram *Aarão* ao fabrico de um deus, igual ao dos gentios, para as suas adorações.

Aarão acovardado deante de milhares de homens, mulheres e creanças que imprecavam a feitura de um symbolo, mandou que todos concorressem com as suas joias para o fabrico do deus; e cavando a terra, toscamente fundiu, segundo a arte daquelles tempos, o bezzerro de ouro.

Acham-se elles na expansão das maiores alegrias; entoavam canticos, não os da *Paschoa*, mas os canticos apprendidos no *Egypto*; e, em volta do symbolo do deus, folgavam alegremente commettendo o mais abominavel de todos os crimes!

Desce *Moysés* da montanha com as taboas da lei; e, ouvindo aquelles canticos, interroga *Melquisedech*, de quem recebe intuitivamente a explicação do que estava passando.

Então, desaparece a figura do propheta, do inspirado e surge deante do povo—*Moysés*—o homem chocado no seu espirito, no que elle possuia de mais puro e santo—o amor do verdadeiro Deus! Procura *Aarão* e o interroga; este busca explicar o seu procedimento; mas, *Moysés*, dominando-o com a sua auctoridade, faz delle, podemos dizer, o seu ajudante de campo e ordena-lhe que, percorrendo todas as tendas, com os filhos de *Levi*, os unicos que não adoram o bezzerro de ouro, proceda á grande hecatombe.

Explicando em toscas palavras, o que melhor podeis ler e comprehender no *Exodo*, Cap. 32, volvamos á *Palestina* a encontrarmos nos com o nosso Divino Mestre no templo, entre os doutores.

CAPITULO III

Seguindo as leis e costume dos seus maiores, o virtuoso varão José, acompanhando a esposa de Deus, fez-se presente nas festas da *Paschoa*, instituidas pelo grande legislador *Moysés*, para commemorar o dia da passagem do povo hebreu das terras do captivo para as terras promettidas á sua liberdade.

Obedecendo tambem ás necessidades de uma ordem de factos que se iam desenrolar nos scenarios da *Palestina*, *Jesus* acompanhado dos seus primos irmãos, sob a fórma apparente de um menino de doze annos, compareceu ás mesmas festas; e, passados os sete dias a ellas consagrados, deixou os seus parentes e amigos e penetrou na grande *synagoga*, para discutir com os doutores da lei, isto é, com os homens escolhidos dentre os mais competentes para pregar ao povo as leis mosaicas, as prophcias e todas essas obras primas do Antigo Testamento, que formam o *Canon* da Igreja, pelos esforços de *Esdras* e *Nehemias*, em prol do povo judeu, que dividido, sem orientação religiosa, entregava-se então a praticar as mais absurdas da idolatria, fazendo praça de idéas as mais extravagantes que imaginar-se póde, comparando-as com os ensinamentos dados pelos prophetas.

Jesus entre os doutores!

Mas, cnde essa creança de doze annos, sem mestres, sem livros, sem escholae, foi beber toda essa sciencia que assombrava aos mais competentes, aos velhos sacerdotes da lei?

Como podia esse menino, em rasgos de eloquencia, confundir aquelles que se julgavam mestres em todas as sciencias religiosas, elle, o humilde filho do carpinteiro, cuja intelligencia, na opinião dos que o ouviam, não podia ter essa sabedoria que manifestava?

Eis o facto que, naquelles tempos causava assombro aos doutores da lei, e ainda hoje, aos que não procuram estudar o Evangelho, em espirito e verdade!

Em nós, porém, isso não desperta identico sentimento pois, pela revelação que graças á misericordia de Deus temos recebido, sabemos que naquelle pequenino corpo apparente de um menino se encarnara, em toda a sua pujança, a sabedoria do Creador, e, assim essa creança era o Verbo de Deus apparente humanizado.

Jesus, diz o Evangelista: S. Lucas, no seu Cap. 2, v. 52,—*crescia em idade e em sabedoria, deante de Deus e dos homens*.

Mas, perguntamos nós:

—*Jesus* crescia realmente em idade, em sabedoria e graça, como nos diz o evangelista?

(Continúa.)